

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

ANGELA MARTINS VALERIM

**SENTIMENTOS NA HISTÓRIA: AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE MÃE E
FILHA NAS CARTAS DE MARIA GOMES AGUIAR (1975-1976)**

CRICIÚMA

2016

ANGELA MARTINS VALERIM

**SENTIMENTOS NA HISTÓRIA: AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE MÃE E
FILHA NAS CARTAS DE MARIA GOMES AGUIAR (1975-1976)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Dra. Marli de Oliveira Costa

CRICIÚMA

2016

ANGELA MARTINS VALERIM

**SENTIMENTOS NA HISTÓRIA: AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE MÃE E
FILHA NAS CARTAS DE MARIA GOMES AGUIAR (1975-1976)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Patrimônio Cultural, Cultura Material e Memórias.

Criciúma, 30 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Marli de Oliveira Costa - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Michele Gonçalves Cardoso - Mestre- (UNESC)

Prof^a. Giani Rabelo - Doutora - (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a minha mãe, (*in memoriam*), por tudo e por arquivar as cartas, o que permitiu que esse trabalho acontecesse.

Agradeço aos meus familiares: meu marido Marcio; minha filha Gabriela; meus filhos João Vitor e Pedro Henrique; minha irmã Carolina e meu genro Henrique; e minha nora Gabriela, pelo apoio e carinho que me dedicaram.

Agradeço as minhas queridas tias, Carmarina, Cleyde, Clélia, e Carmencita, por terem partilhado tão generosamente suas histórias de vida, uma época tão singular para família Aguiar.

Agradeço a todo corpo docente do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, a secretária Zelli, sempre tão gentil.

Um agradecimento especial a professora Michele Gonçalves Cardoso, além de extenso carinho e amor, me dedicou os conhecimentos da integridade e da perseverança.

Agradeço aos meus colegas de curso, Rodrigo Margotti e Elaine Rodrigues por serem companheiros neste caminho, pelo afeto, pela ajuda e pelo compartilhamento.

Agradeço em especial Jaqueline Damazio, parceira e amiga fiel que muito me incentivou para realização do tema neste trabalho.

Agradeço minha orientadora Prof^a. Dr^a. Marli de Oliveira Costa, por sua precisão na orientação, que levarei comigo, recebi muito mais que uma orientação de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Olá! Ângela tudo bem!

A vó ficou muito contente com a tua cartinha, pois vejo que não esquece da vovó. Olha quando o Daltinho nascer a vó vai aí pra ver. Se não quizeres menino, dá pra vó que a vó gosta muito de menino. Escreva sempre para mim, pois gosto muito de receber cartinha das minhas netinhas.

Sem mais um abraço e um beijão cheio de saudades de...

Tua vovó e tia Carmencita (1975).

RESUMO

Esse trabalho trata de um estudo sobre “escritas ordinárias”. A perspectiva da História Cultural ampliou a valorização de documentos dignos de estudos históricos. Entre eles, encontra-se o objeto desse estudo: cartas que foram enviadas de uma mãe para sua filha, entre os anos de 1975 e 1976, em Santa Catarina. O objetivo da pesquisa foi compreender nas cartas analisadas, questões referentes ao universo feminino explicitados nas angústias, alegrias, intimidades e outras preocupações. A metodologia foi a análise documental das respectivas cartas e depoimentos de parentes. São cartas de Maria Gomes Aguiar para sua filha Cleusa Salete Aguiar Martins. As cartas foram enviadas do município de São José do Cedro para Tubarão. Ao todo são seis cartas, totalizando quinze folhas. A análise desses documentos seguiu a organização do acervo e a identificação das temáticas explícitas na escrita. Como referenciais teóricos foram utilizados os conceitos de escrita ordinária, história da escrita e história epistolar. Para tanto foram usados os seguintes autores: Chartier (2002), Gomez (2001), Foucault (2000) entre outros. Percebeu-se pelas análises dessas “escritas ordinárias”, os sentimentos e preocupações de uma mulher, professora e mãe de 11 filhos nos anos de 1970, afastada da família por ter de acompanhar a filha caçula em um novo emprego. Identifiquei que nas escritas de si, cenas públicas e privadas que se dão a ver, quando discutidas por pesquisadores.

Palavras-chave: Mulheres. Escritas Ordinárias. Cartas. Memórias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto certificado de conclusão do curso de Maria Gomes Aguiar	20
Figura 2 – Documento Anexo ao Certificado de Maria Gomes Aguiar	21
Figura 3 - Certificado de Maria Gomes.	22
Figura 4 – Datas nascimento e falecidos da família Aguiar.....	24
Figura 5 – Acervo de Cleusa digitalizado. Família Aguiar	25
Figura 6 – Acervo de Cleusa digitalizado.	37
Figura 7 - Acervo de Cleusa digitalizado.	38
Figura 8 – Carta de Cleusa.	48
Figura 9 - Carta de Cleusa.	50
Figura 10 - Carta de Cleusa.	51
Figura 11 - Carta de Cleusa.	52
Figura 12 - Carta de Cleusa.	53
Figura 13 - Carta de Cleusa.	54
Figura 14 - Carta de Cleusa.	55
Figura 15 - Carta de Cleusa.	56
Figura 16 - Carta de Cleusa.	57
Figura 17 - Carta de Cleusa.	58
Figura 18 - Carta de Cleusa.	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.2 A ESCRITA ORDINÁRIA COMO ESCRITA DE SI.....	13
1.3 ESCRITAS DE SI” AOS OUTROS ENCAMINHADOS PELO CORREIO.....	14
2 BAÚ DE MEMÓRIAS: AS CARTAS ALÉM DA ESCRITA	18
2.1 QUEM FOI MARIA GOMES AGUIAR?	18
2.2 QUEM FOI A DESTINATÁRIA DAS CARTAS?	23
2.3 O ENCONTRO COM UM BAÚ DE LEMBRANÇAS	23
2.4 - OS ASPECTOS AFETIVO NA ESCRITA DO FEMININO	27
3 UMA LEITURA MODOS DE SER DO FUNDO DO BAÚ	29
3.1 TRANSFERÊNCIA DE CIDADE, A IDENTIDADE DO LOCAL.....	31
3.2 A DEMONSTRAÇÃO DE AFETIVIDADES:.....	32
3.3 OS APELOS A INFLUÊNCIA POLÍTICA:	34
3.4 UM SUPOSTO MARIDO PARA SUA FILHA CAÇULA	35
3.5 UMA CARTINHA ESPECIAL.....	36
FONTE: ACERVO DE CLEUSA.....	38
3.6 A TRANSFERÊNCIA DO TRABALHO DA FILHA	38
4 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXO(S)	47

1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda as escritas ordinárias em forma de correspondência de uma mãe para sua filha no sul de Santa Catarina entre os anos de 1975 e 1976.

A motivação para realizar este estudo deu-se a partir da descoberta das cartas. As cartas fazem parte do meu acervo pessoal e foram arquivadas pela mãe da correspondente. Descobri as mesmas após o falecimento de minha mãe. Enquanto arrumava seus pertences avistei um envelope com vários papéis, entre eles cartas arquivadas. Cartas essas que eram enviadas de minha avó para minha mãe.

Diante desses documentos indago: Seriam essas cartas uma evidência dos vínculos de afeição entre a mãe e sua filha? Que registros expressam esses sentimentos?

Compreendo que a história da cultura escrita é uma forma específica de história cultural (CASTILLO, 2001, p. 93) e tem por objetivo a interpretação das práticas sociais de leitura e de escrita. Tais interpretações podem ser realizadas por aqueles que lêem os escritos.

Assim, esse estudo tem por objetivo geral compreender, aspectos afetivos entre mãe e filha, presentes nas cartas de Maria Gomes Aguiar, para sua filha Cleusa Salete Aguiar Martins. E ainda, conceituar as chamadas escritas ordinárias, a escrita do feminino e identificar vários aspectos do cotidiano e da temporalidade, no espaço em que foram escritas as correspondências.

A metodologia utilizada foi à análise documental, ou seja, a análise das cartas e os depoimentos de parentes. Neste sentido para abordar o enredamento da relação entre mãe e filha, foi necessária a leitura de referenciais acerca dos conceitos de escrita ordinária, escritas do feminino e história cultural. Pois, essa tendência da historiografia ampliou o uso de fontes. Durante a leitura das cartas busquei identificar o cotidiano de pessoas envolvidas, os lugares e os processos interativos descrito na escrita das cartas.

Chartier (1991), em “Os desafios da escrita” aborda a relação que mantemos com a escrita, as práticas exercidas pelo escritor, pelo leitor. O livro dá sentido ao passado abordando as práticas da escrita e da leitura, a investigação contribui com os estudos acerca da história da cultura escrita, que para Castillo

Gómez, (2003) deve-se atentar para os discursos, práticas e representações uma prática e uma escrita. (CASTILLO, 2003, p.16)

Este é um estudo sobre a escrita epistolar. Para essa investigação o que demanda é conhecer a vida cotidiana, possível de vislumbrar nas escritas de si impressas em cartas e os artefatos culturais relacionados a elas.

As maneiras das escritas, neste estudo, são refletidas no âmbito das escritas ordinárias, as cartas cotidianas, de pessoas comuns. Essa forma de compreender a realidade deve, no entanto, ser apontada especialmente a uma realidade lida¹ no meio das cartas, às quais produzem sentido para aquilo que estão narrando, dando informação acerca de sua vida, das suas atividades, reflexões, frustrações, alegrias, sofrimentos, trabalho, ideias, ou seja, aqueles atos internos.

O íntimo, o privado e o público são três espaços distintos na esfera de atuação humana, sem separação entre eles, pois que na prática estes três âmbitos se entrecruzam. Se no espaço público residem e são observáveis os comportamentos sociais, no privado poderíamos situar os interpessoais e no íntimo se localizam aqueles atos ou ideias que são inobserváveis no entre si. (CUNHA, 2007).

Além das referências acima utilizei também outros referenciais teóricos, que trabalham com memórias e escritas ordinárias: Carla Rodrigues Gastaud (2007), Castillo Gomes (2001), Michel Foucault (2000), Maria Teresa Santos Cunha (2007), Michel Certeau (1975) entre outros, que oferecem reflexões para compreensão de minha investigação.

Assim, usos da escrita distribuição das capacidades de escrever e ler, materialidades do escrito, lugares, maneiras das escritas e leituras neste estudo são pensados no âmbito particular da escrita epistolar. (FOUCAULT, 2000, p. 150-1).

Esse TCC se divide em três capítulos. No primeiro capítulo, “A história da escrita ordinária” contextualizo os estudos que tratam de escritas epistolares.

No segundo capítulo, “O Baú de Memórias: As cartas além da escrita” apresento a história das cartas. E no terceiro, “Uma leitura modos de ser do fundo do baú” abordo o conteúdo escrito nas cartas e seus temas. As escritas ordinárias, as cartas, nesse baú precedem a partida o pretexto para eternizar momentos, as escritas ocupam um lugar de destaque em arquivos pessoais e familiares, trazendo nas cartas diferentes situações da vida. Essas práticas de escrita, são resultados de

¹ As leituras das cartas discutidas nesse sentido, são as que realizei, escritas ordinárias de uma mãe para sua filha na década de 1970.

uma crônica de vida privada, afirmam-se no século XIX, que faz do privado um lugar de felicidade imóvel, cujo palco é a casa, os atores, os membros da família, e as mulheres, testemunhas e crônicas. Na rememoração, as mulheres são, em suma, os porta-vozes da vida privada. (PERROT, 1989).

Esse estudo é uma contribuição para história local, principalmente no que tange ao campo da história íntima e história da educação.

2. A HISTÓRIA DA ESCRITA ORDINÁRIA

Para compreender o conteúdo das cartas de Maria Gomes Aguiar para sua filha Cleusa Salete Aguiar Martins é necessário revisitar a história das escritas epistolares, considerando-as como escritas ordinárias, como aborda Michel de Certeau (1982).

Esse capítulo apresenta aspectos gerais dessa escrita de acordo com pesquisadores/as que vêm se debruçando sobre esses estudos. Em Santa Catarina destaca-se Maria Teresa Santos Cunha, no Rio Grande do Sul Carla Rodrigues Gastaud.

No entanto, ao ler esses trabalhos observei que a relação afetiva entre uma mãe e filha ainda não foi discutida, relações afetivas sob o ponto de vista histórico e que foram materializadas por meio de cartas. Pois,

A despeito disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da história no Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação. (GOMES, 2004, p. 08).

Maria Teresa Santos Cunha ao estudar as escritas epistolares diz que o ato de escrever cartas pessoais consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, por meio das palavras. Trocar cartas, corresponder-se ou escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel. (CUNHA, 2013).

Nesse sentido, escrito ao longo dos dias, o objetivo da escrita de diários parece ser o de apresar em suas páginas o passar do tempo, ainda que de forma fragmentada e com a ausência de elaboração prévia: uma escrita, enfim, que registra o efêmero, o descontínuo e por esse motivo chamado de escrita ordinária. (FABRE, apud, Cunha, 2007).

Assim, as cartas como escrituras ordinárias mostram em traços firmes e/ou inseguros uma relação pessoal com o universo da escrita, por meio delas abre-se a possibilidade de (re) conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas, enfim, 'devolvemos' certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo. (CASTILLO GÓMEZ, 2001, p. 11.)

Percebe-se então que nas cartas pessoais e familiares é possível destacar a escrita dos sentimentos e as relações de afetividades atribuída ao papel vivenciadas no dia a dia de pessoas ordinárias e comuns. Afinal,

Olhar papéis guardados em arquivos por pessoas comuns, como cartas, diários, autobiografias, agendas, cadernos, bilhetes, fotografias, cartões postais, constitui-se em convite para leituras diversas. (MIGNOT, apud, VENANCIO, 2003, p.6).

Pois, cartas e diários pessoais são documentos que carregam traços ritualísticos, consagrando-se tanto como artefatos culturais quanto como documentos que têm, para historiadores e historiadoras, outros estatutos: abrir espaço a partir do qual a história pode ser investigada, isto é, buscada em vestígios e problematizada a partir de diferentes ritmos da vida social de uma época. Assim, cartas e diários pessoais partilham da constituição de um regime de sensibilidades, ou seja, da construção da história de indivíduos que, nos segredos da intimidade, se inventam pela escrita de si e pela escrita para os outros. (CUNHA, 2013).

As cartas, pois se apresentam como exercícios de escritas de si, a medida que mostram aspectos dos sentimentos, desejos e expressões de quem as escreve. Assim, também as cartas, objeto desse estudo podem mostrar o que há de específico das duas mulheres envolvidas nas correspondências. Mas, o que significa “escrita de si?

Na sequência apresento a escrita de si e como essa escrita adquire importância e as ações da experiência do cotidiano. Materializadas no papel, nelas está a visão de uma cidadã. Uma mulher comum. Uma escrita ordinária constitui tanto no refúgio do eu quanto como repositórios de lembranças.

2.1 A ESCRITA ORDINÁRIA COMO ESCRITA DE SI

As escritas de si foram evidentes a partir do encontro com acervos pessoais, onde pôde - se perceber a preocupação de algumas pessoas em “arquivar a própria vida”; título do trabalho de Philippe Artieres. O autor coloca que:

Uma prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÉRES,1998,p.32).

A carta é uma maneira de se estar delineando as ideias, os procedimentos do mundo social e íntimo, pois quem escreve, traz sua trajetória de vida, e nestas cartas se busca as significações históricas e sua subjetividade em narrar. Na leitura destas cartas, a produção escrita revela uma prática de escrita de afetividade de amor de uma mulher mãe e preocupações com seus filhos nas suas trajetórias, expondo todas as suas vivências.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, na narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, p.39).

Apoiada nas reflexões de Artieres (1997) posso dizer que não Podemos guardar e conservar uma vida nas cartas, pois,

[...] não arquivamos nossa vida, “não pomos nossas vidas em “conserva” de qualquer maneira, não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em enxerto certas passagens (ARTIÉRES, 1997, p.3)

A troca de correspondências permite, também, a busca do eu, a escrita de si, a reflexão, a introspecção, já que “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o próprio rosto junto ao outro [...] De certo modo, a carta proporciona um face a face [...], pois cada um deve desvelar sua alma.” (FOUCAULT, 2000).

Assim, foi o meu encontro com o acervo de cartas, as cartas foi uma face a face com minha mãe Cleusa Salete Aguiar Martins que arquivou por 40 anos, as correspondências de sua mãe no caso, minha avó, Maria Gomes Aguiar.

Michele Perrot ao abordar o momento histórico em que as mulheres em França começaram a exercer a escrita, questiona e responde acerca da prática autobiográfica por parte das mulheres, quando faz um contraponto em relação à narrativa histórica tradicional que reserva pouco espaço às mulheres. A autora fala

sobre o tema a partir do século XIX, pois os escriturários oficiais da história eram os administradores, os policiais, os juízes, os padres e os contadores da ordem pública.

Eis a fala de Perrot:

Questionar e responder acerca da prática autobiográfica por parte das mulheres, quando se faz um contraponto em relação à narrativa histórica tradicional que reserva pouco espaço às mulheres, pois os escriturários oficiais da História eram os administradores, os policiais, os juízes, os padres e os contadores da ordem pública. (PERROT, 1989, p. 11-12).

Muitas dessas escritas são arquivadas em baús de memórias, alguns desses ainda não foram descobertos. Maria Teresa Santos Cunha encontrou o baú das professoras Cláudia e Lucia e diz que:

Abrir velhos baús e encontrar aprisionados no papel, as memórias quer dizer, por tantas vezes, um reencontro com a própria vida. Aprisionar no papel o banal ou o surpreendente da vida cotidiana tem contagiado várias gerações (CUNHA, 2013, 119).

Assim, cartas e diários pessoais partilham da constituição de um regime de sensibilidades, ou seja, da construção da história de indivíduos que, nos segredos da intimidade, se inventam pela escrita de si e pela escrita para os outros. (CUNHA, 2013, p.116).

Angela de Castro Gomes fala que as cartas, diários íntimos, agenda, o diário fazem parte das escritas autobiográficas. (GOMES, Apud. Gomes Castillo, 2001, pag.25).

Como escritas de si as cartas fazem parte de escritas autobiográficas, muitas vezes perdem-se porque as correspondências não são guardadas pelo mesmo correspondente. Ou seja, cada destinatário fica com sua carta. Os conteúdos acabam ficando sem respostas para pesquisadores que se debruçam sobre a leitura depois de muitos anos. As correspondências se apresentaram como forma de comunicação mais rápida depois da criação dos serviços de Correios e Telégrafos no século XIX.

2.2 “ESCRITAS DE SI” AOS OUTROS ENCAMINHADOS PELO CORREIO

No que se refere a história dos correios, constatei que o Brasil foi o segundo país a regulamentar o selo postal, após a Inglaterra. Isso ocorreu nas reformas feitas por D. Pedro II, e que se deu em 1842. D. Pedro adotou o modelo inglês, mediante o pagamento a compra do selo. Atualmente a circulação das cartas

é competência dos correios, mediante a lei Postal de 1978 no seu artigo 47. Escrever cartas, durante muitos anos, tornou-se uma ocupação importante das pessoas alfabetizadas. (GASTAUD, 2009, p. 24).

A carta não é uma invenção dos séculos XVI e XVII, mas é neste período que adquire importância como instrumento de comunicação social, escreve Castillo Gomes (2006, p.19).

Segundo Chartier (1991), as coletâneas e modelos de cartas foram dedicados inicialmente aos epistológrafos nobres ou burgueses, esses secretários foram incluídos no catálogo de editores que publicava livros, como manuais de escrita, assim possuir um livro constituía uma espécie de enobrecimento cultural. (CHARTIER, 1991).

Isidoro Nardi (1975), autor de um manual italiano de civildade, recomendava que as cartas se compusessem basicamente de quatro parágrafos: um sobre o tema, outro para agradecimentos, o terceiro para o favor e o último de despedida, sempre considerando a qualidade da pessoa que escrevia e aquela para quem se escrevia e, sempre utilizando as fórmulas adequadas. Em língua portuguesa, destaca Miranda, que o primeiro, passou a teorizar sobre o tema foi Francisco Rodrigues Lobo, ainda no século XVII. (MIRANDA, 2000, p 45. Apud, GASTAUD, 2009).

A correspondência estava presente na escola no século XIX e no século XX, era uma habilidade ser capaz de escrever uma carta, e ainda uma habilidade a ser aprendida, desenvolvida e estimada na e pela escola. (MIRANDA, 2000, p. 51, apud GASTAUD, 2009, p 78).

Ainda hoje a escola utiliza pedagogicamente a prática da correspondência. E as cartas reaparecem nos livros didáticos, em alguns exercícios de conjugação de verbos (SOARES, 1970, p.79 apud GASTAUD).

As correspondências no Brasil via correio, eram únicas formas de se ter notícias das pessoas até o telefone ser popularizado, que se dará em torno dos anos de 1980 a 1990.

Dessa forma, Maria Gomes Aguiar era uma mulher do seu tempo, usava as cartas como forma de enviar e receber notícias familiares, uma forma típica de escrita do feminino, cartas enviadas com a visão de um sujeito ordinário, onde ela escreve seus sentimentos, alegrias angústias, sobre seu dia a dia onde se registra os grandes e pequenos acontecimentos,

A carta, como uma prática de escrita, partilha da constituição de um regime de sensibilidades sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois “nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer” (CUNHA apud BOLLÉME, 1988, p. 201).

Valorizar as ações da experiência privada, a partir da junção de fragmentos e do recolhimento de vestígios e indícios, tem sido um instigante desafio para historiadores e historiadoras. Esta prática se apresenta como uma das formas para certo conhecimento das maneiras de viver e pensar de uma determinada época, expondo um arquivo e relíquias de uma memória familiar. Castillo Gomes nos mostra que:

As cartas como escrituras ordinárias mostram em traços firmes e/ou inseguros uma relação pessoal com o universo da escrita através delas “abre-se a possibilidade de (re) conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas, enfim, ‘devolvemos’ uma certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo”. (CASTILLO, 2001, p. 11).

Os historiadores e historiadoras, em especial, tentam iluminar as práticas cotidianas e as escritas ordinárias, e quando descobertos podem ser utilizados como fontes de pesquisa, as cartas podem oferecer representações dessas práticas individuais, nas palavras de Foucault: “É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve.” (FOUCAULT 1992, apud, CUNHA, 2009, p.19).

Por meio das escritas ordinárias de Maria Gomes Aguiar percebem-se as relações de afetividade na escrita feminina. A partir da análise de trechos dessas cartas, procurar-se-á dar ênfase às narrativas que tratam do cotidiano destas mulheres/mãe e filha e às representações escritas de situações vividas no dia a dia, no privado no ato de escrever carta, cartas pessoais consistem em confrontar-se, até mesmo para compreender a história de um período.

Segundo Maria Teresa Santos Cunha, “o ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, por meio das palavras. (2009, p.20).

Com os objetos materiais, as cartas trazem marcas no âmbito de uma história das sensibilidades. Cartas são documentos por meio dos quais é possível apreender elementos para a construção de uma história comum de mulheres trazendo os relatos e os fragmentos da vida nas escritas ordinárias. A carta, como uma prática de escrita, partilha da constituição de um regime de sensibilidades

sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer (CUNHA, 2009 apud BOLLÉME, 1988, p. 201).

Podemos assim traçar uma rota em que a confissão é um meio de alcançar uma suposta verdade sobre si mesmo e construir subjetividade nas escritas ordinárias. Aproximo meu estudo de Chartier refletindo que: nas escritas ordinárias em análise evidencia-se a relação entre mãe e filha, “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” (CHARTIER, 1990, p 24).

Trocar correspondências para Maria Gomes Aguiar foi uma das formas de sociabilidade recorrentes. Em um ambiente envolto em silêncios, como estar morando em um hotel, a escrita epistolar emergia como espaço de uma possível aproximação com sua filha.

No próximo capítulo mostro que Maria Gomes Aguiar com sua bela ortografia legível, atribuída aos papéis de cartas e na sua escrita, uma história de vida, a sua história e de quem recebeu as cartas escritas na década de 1970.

3 BAÚ DE MEMÓRIAS: AS CARTAS ALÉM DA ESCRITA

Ao abordar o conjunto epistolar, representado pelas cartas desse estudo identifico a escrita feminina. Os papéis possuem odores, cores, texturas e volumes, Maria Gomes Aguiar imprimiu suas marcas neles.

Assim, ao ter contato com papéis guardados por pessoas comuns, como cartas, foi para mim, a exemplo de outras pesquisadoras desse campo temático, um contato com o passado. Um passado entre duas mulheres, e para os que ainda virão um convite ao conhecimento dos fios que tecem a memória de uma família.

Mignot (2000) sugere que abrir velhos baús de memórias significa, muitas vezes, um reencontro com a própria vida. Os papéis amarelados pelo tempo guardam segredos, emoções, sonhos almejados, expectativas, projetos, costumes e práticas.

Esse capítulo então busca apresentar as cartas, discutindo-as como escritas femininas. Para tanto, em um primeiro momento apresento a remetente das cartas e a destinatária. Depois, discuto as cartas como escritas ordinárias e escritas da vida privada.

3.1 QUEM FOI MARIA GOMES AGUIAR?

Maria Gomes Aguiar nasceu na cidade de Tubarão/SC no dia 24 de agosto de 1915, faleceu aos seus 68 anos em 17 de fevereiro de 1984. Seus pais eram Paulina Joana de Godoy Gomes e Paulo Luiz Gomes. Casou-se aos 16 anos com Carlos Aleluia de Aguiar e desse casamento teve seis filhas mulheres e cinco homens, destes, sua décima filha chamava-se Cleusa Salete Aguiar Martins, a destinatária das cartas desse estudo.

Maria Gomes Aguiar aos 18 anos concluiu os estudos necessários para poder lecionar nas primeiras décadas do século XX, pois bastava ter o 5º ano Complementar para ser professora. Assim em 1933 iniciou a profissão de professora de escola primária. E, somente aos 33 anos, em 1948 obteve o diploma do curso Normal Regional. Visto que desde 1935 o Estado de Santa Catarina, seguindo a orientação de outros lugares do Brasil passou a exigir formação mais aprimorada dos professores/as que atuavam nas chamadas escolas primárias. Assim em 1935 o Decreto- Lei Estadual 713 de 5/01

[...] transformou as Escolas Normais Públicas em Institutos de Educação e exigiu a equiparação das demais Escolas Normais privadas existentes às escolas públicas. O Decreto criou a EN Primária (três anos) em substituição às Escolas Complementares, a EN Secundária (três anos) para os alunos que se diplomavam na Escola Normal Primária, e a EN Superior Vocacional (dois anos) para os alunos que se diplomavam na EN Secundária. A formação dos professores ocorria assim em três níveis sequenciados, onde cada um dos ciclos habilitava profissionais para diferentes atuações, confirmando a intenção de preparar diferentemente o professorado para as escolas primárias do interior e para as escolas situadas nas zonas urbanas. (AGUIAR, S/D.P. 3)

Maria Gomes Aguiar, conclui este curso no Grupo Escolar Hercílio Luz no ano de 1948 na cidade de Tubarão-SC. Para efetuar o curso Normal Regional. Mudou-se da cidade de Lauro Muller com sua família para Tubarão, permanecendo na cidade até concluir o curso. Trago uma cópia de seu certificado que a Escola de Educação Básica Hercílio Luz me concedeu.

As notas do primeiro, segundo e terceiro ano estão em branco, pois a aluna apresentou o diploma de Complementarista, antigo curso com três anos que lhe deu o direito o quarto ano do curso Normal Regional.

Maria residiu nos fundos da casa de sua sogra no período de um ano que ficava próxima a escola. Com isso ela pode estudar e teve a oportunidade de concluir e receber sua habilitação em Tubarão.

Sua filha Cleyde Aguiar Guollo² conta que em 1948, Maria Gomes solicitou ao então governador do Estado de Santa Catarina, Aderbal Ramos da Silva, outra função de trabalho na cidade de Tubarão, pois dava aula em Lauro Muller, mas precisava concluir o Curso Normal e a cidade mais próxima que ofertava esse grau de estudos era Tubarão. Sendo assim, ele a nomeia em um cargo na Coletoria na cidade de Tubarão.

Sobre sua atuação como professora, lecionou nas cidades de Tubarão, Gravatal e Lauro Muller por 25 anos para turmas do antigo ensino primário. Turma multisseriada, ou seja, em uma única classe se encontrava crianças de diferentes idades e níveis educacionais diversificados, sendo estas do 1º ao 4º ano.

Quando lecionava em Escolas Isoladas de Lauro Muller por muitos dias para chegar até a escola dependia de carona dos motoristas que trabalhavam nas minas de carvão. Maria criou seus onze filhos e ajudou a sustentá-los, pois quando seus filhos eram crianças seu marido trabalhava como mineiro.

² Depoimentos de Cleyde Aguiar Guollo, filha de Maria Gomes .

Figura 1 - Foto certificado de conclusão do curso de Maria Gomes Aguiar

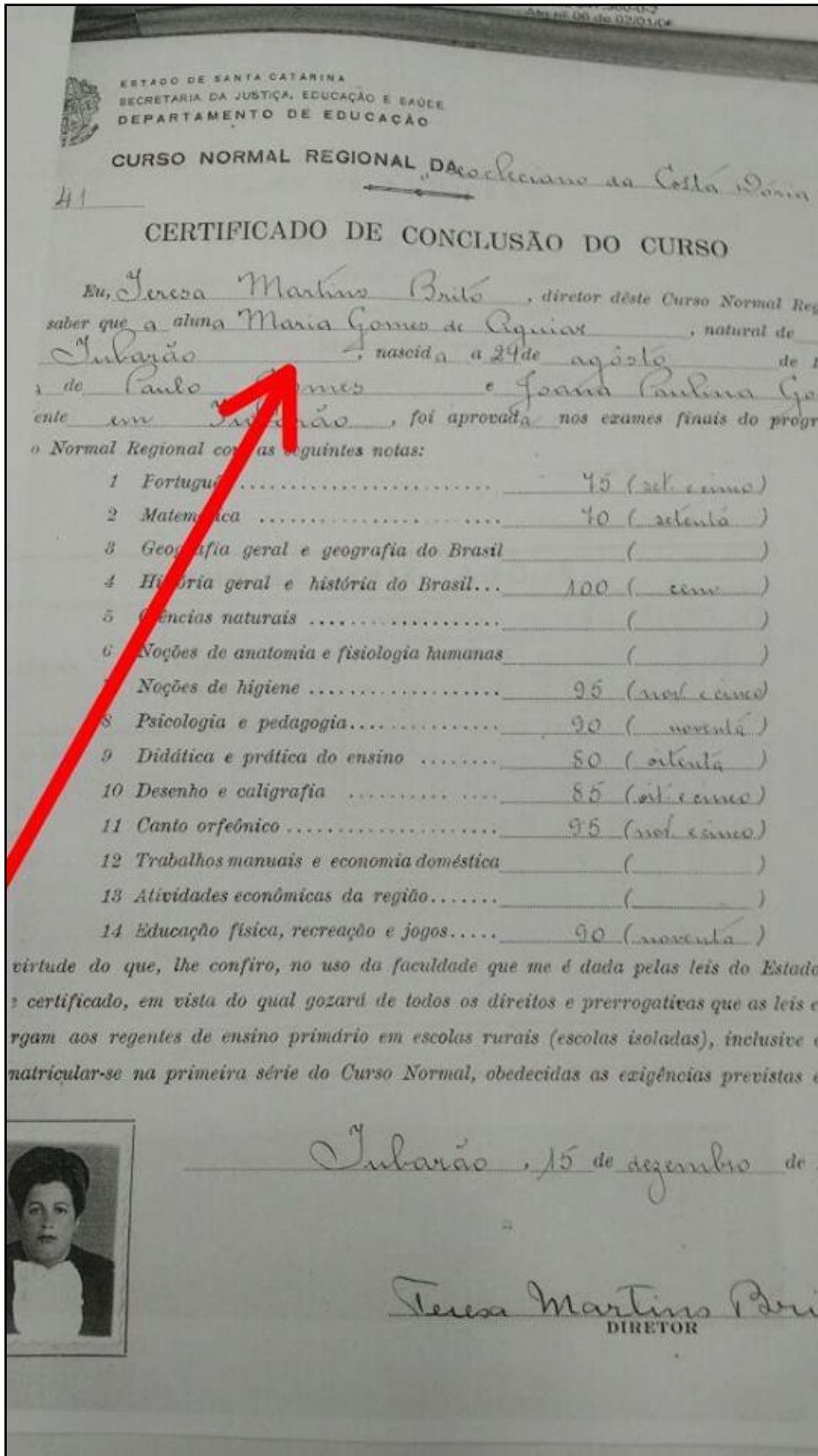


Figura 2 – Documento Anexo ao Certificado de Maria Gomes Aguiar

300 - 73% Funcionário Meritório - 140 -

Colégio Estadual
Hercílio Luz

Brasão 1920 - 1990

1ª Escola Pública da Cidade de Uberlândia
com sua pedra fundamental assentada no
dia 12 de Fevereiro de 1919 às 14 horas.
Grupo Escolar "Hercílio Luz" - homenagem
ao Governador do Estado Dr. Hercílio Luz.

2 de julho de 1920 - 1º Dia de aula

21 de Setembro de 1946 - Decreto Lei nº 3672 -
Curso Normal Decleiano da Carta Dória

1972 - Parecer nº 30/72 do C.E.E.
Escola Básica Hercílio Luz com o curso
1º grau.

1986 - Foi criado o curso Pré-Escolar.

12 de Dezembro de 1989. Com o empenho do
Corporativo e F.P.P. - Parecer, nº 522/89 For-
ria 056/90.

Curso do 2º grau de Educação Geral,
passando a denominar-se:
Colégio Estadual Hercílio Luz.

Seja este o estabelecimento Educacional q

Figura 3 - Certificado de Maria Gomes.

QUARTA SÉRIE ANO 1948														
MATERIAS	AULAS	FALTAS	EXERCÍCIOS							Méd. de exerc.	EXAMES			Méd. das provas de 2ª Prova
			Março	Abril	Maior	Agosto	Setembro	Outubro	Junho		Novembro	Dezembro		
1º Grupo														
Português	63	7	60	70	70	70	90	90	75	70	55	90	✓	
Matemática	73	5	70	70	70	50	65	75	65	80	90	65	✓	
História do Brasil	66	5	100	100	100	100	100	100	100	100	95	100	✓	
Noções de higiene	69	5	100	100	100	100	100	100	100	95	90	90	✓	
Psicologia e pedagogia	70	7	95	100	90	90	95	90	95	75	100	100	✓	
Didática e prática do ensino	67	4	95	100	100	95	100	90	95	90	60	50	✓	
2º Grupo														
Costo artístico	29	3	100	100	100	100	100	100	100	95	90	100	✓	
Desenho	27	4	90	90	90	80	90	90	90	50	90	✓		
Educação física, recreação e jogos	40	5	90	95	95	90	100	50	90	95	95	90	✓	
MÉDIA GERAL <i>Distinta e cinco (85)</i>														

Fonte: Acervo da Escola E. Hercílio Luz.

3.2 QUEM FOI A DESTINATÁRIA DAS CARTAS?

Cleusa Salete Aguiar Martins foi a destinatária das cartas, filha de Carlos Aleluia Aguiar e Maria Gomes Aguiar, nasceu na cidade de Lauro Muller SC no dia 27 do mês de maio de 1947, passou sua infância e adolescência nesta cidade onde residiu até o dia seu casamento, aos seus 20 anos, quando casou-se com Manoel Dalton Martins. Logo após o casamento foram residir na cidade de Tubarão/SC. Tiveram duas filhas desse casamento, Ângela Martins e Carolina Martins. Ficou viúva aos 30 anos, nunca casou novamente, falecendo aos seus 68 anos no dia 28/06/2015 em Tubarão SC.

3.3 O ENCONTRO COM UM BAÚ DE LEMBRANÇAS

Para abordar as escritas ordinárias, Chartier (1990) coloca alguns caminhos. O autor sugere que em um primeiro momento sejam rastreadas as escrituras, depois de encontrá-las deve-se realizar classificações e divisões de acordo com temas, períodos e outros. Após a pesquisadora deve delimitar os conteúdos que organizam a apreensão do real. Assim, podem-se perceber as representações do mundo social construídas e tomada no relacionamento dos discursos proferidos nas correspondências, ou seja, perceber qual a posição de quem discursa tendo-se em mente para quem são dirigidas.

Podem-se identificar as estratégias e práticas produzidas e embasadas num discurso que não é neutro, tendendo a legitimar ou justificar escolhas, posições, condutas para os próprios indivíduos num dado momento histórico. Seguindo esse caminho fui lendo e organizando os temas encontrados nas cartas que analiso.

Após a doença que lhe custou noventa dias hospitalizada, Cleusa, Salete Aguiar Martins, a guardiã das cartas, veio a falecer. Após o término da celebração da missa de sétimo dia, um ritual da religião católica realizado na cidade de Tubarão, na igreja São Judas Tadeu, alguns familiares foram para sua residência, entre eles suas filhas, netos, irmãs, sobrinhas, foi uma maneira de se sentirem próximos a Cleusa. Em sua casa se encontrava muitos pertences, entre eles, havia muitos papéis guardados. Entre os papéis, as cartas.

Entrar na casa de alguém que faleceu, causa em um primeiro momento uma espécie de sensação de violação, pois, todos os seus objetos, móveis, vestes se encontram lá, menos a presença de seu proprietário. Assim, ao remexer em seus pertences, foi como ler o diário de uma adolescente, um sacrilégio. No entanto, o objeto que mais provocou essa sensação foi o antigo baú, com as lembranças de família.

E lá estava eu, também. Ao mexer nas relíquias tão pessoais e íntimas, senti no meu coração um aperto como se estivesse invadindo sua privacidade, afinal Cleusa Salete Aguiar Martins protegeu essas recordações por toda sua vida. Sentia como um afronte revirar em tantos papéis armazenados, ela não gostava de ver seus objetos fora do lugar e tinha muito zelo, pois poderia tirar da ordem o que estava guardado, eu aproximo essas sensações da reflexão de Roger Chartier quando o mesmo coloca que:

Tenho certa prudência com questões pessoais. Acho que, quando a gente fala de si, constrói algo impossível de ser sincero, uma representação de si para os vão ler ou para si mesmos (CHARTIER, 2004, p.3)

Figura 4 – Datas nascimento e falecimento da família Aguiar.

The image shows an open notebook with two pages. The left page is titled 'Datas nascimentos Família' and the right page is titled 'Falecidos'. Both pages have a 'DATE:' field at the top. The data is as follows:

Datas nascimentos Família			Falecidos					
Nome	DD	MM	DD	MM	Anos			
Pai	15	04	911	4	22	07	974	63
mãe	24	08	915	+	17	02	984	68
Carmarina	27	05	933					59
Cláudia	07	07	934	+	14	01	994	53
Clodomir	27	03	936	+	23	01	990	
Flávia	23	03	938					61
Flávia	25	10	939	+	15	04	2001	
Flávia	25	01	941					66
Flávia	07	09	942	+	13	09	2008	
Flávia	11	09	944					62
Carlos	09	01	946	+	30	05	2008	
Cleusa	27	05	947					
Carmencita	16	05	954					

Fonte: Acervo de Cleusa.

Entre seus pertences em uma caixa de papelão, que chamo de “baú de memórias”, estava junto com outros documentos um envelope. Cleusa os organizou tão zelosamente talvez como uma forma de deixar a sua existência registrada. Entre os documentos e álbuns de fotografias estavam as lembranças de nascimentos dos

netos e sobrinhos, santinhos de devoção, convites de formaturas, em uma agenda de telefone, registro de datas de nascimento e morte de seus pais e irmãos.

Figura 5 – Acervo de Cleusa digitalizado. Família Aguiar



Fonte: Acervo de Cleusa.

Tudo com muita delicadeza e apreço, e com suas especificidades, o “baú de memórias” estava guardado no maleiro do guarda roupas no quarto dos fundos e entre tantos documentos, em um envelope branco, estavam as cartas. No envelope estava escrito “Cartas de minha mãe de São José do Cedro”.

Ao encontrar o envelope uma de suas filhas se pôs a ler em voz alta para que as tias e todos ouvissem as escritas da Maria. Foi um momento de emoção entre os familiares, ao escutar a leitura da escrita das cartas de Maria, a escrita de si e os vestígios de uma época, envolveu emoção, lágrimas e sorrisos pelas lembranças que vinham nas memórias de quem ouvia a narração das cartas. Lembranças que misturavam sentimentos e a própria saudade expressa naquela escritura. Escritas de uma mãe para sua filha. Embora ambas já tivessem falecido as cartas estavam ali materializadas em papel de carta, registrando suas existências.

De certo modo, senti naquele momento a importância de guardar esses documentos. Além dos já mencionados, como as fotografias, havia também recorte de jornal da época. Encontrar a identidade familiar nessa história essencialmente de dentro, onde sentimos sensibilidades e afeições, a de vida entre gerações. Ainda que existam, muitos não dão o valor merecido. Mas aquelas cartas que foram armazenadas e protegidas por quarenta anos, visivelmente teriam muito valor.

As escritas ordinárias se apresentam como história da vida privada dessas mulheres esta legitimada no papel. Ao guardar os velhos papéis em seu “baú de memórias” Cleusa, se deu a conhecer, ou talvez permitissem compreender, as condições culturais de seu tempo. Compreender os modelos de mulher em pauta, a afetividade em sua vida, e na vida de mulheres na sua geração. Ao guardar as cartas transmitiu de papéis secundários, subordinados, coadjuvantes, para o centro da cena da história de vida de mulheres nas escritas ordinárias.

O cotidiano por mais banal e ordinário que seja, é positivado pelas ninharias que as compõem e apresentam variados ritmos das manifestações civilizatórias que abrangem o íntimo, o privado e o público, mas também o político, o cultural, a cor e as vicissitudes de uma época. (CUNHA, 1997). Pode se inferir que Cleusa protegia e arquivava as cartas reconhecendo sua identidade nas escritas de si de sua mãe. As cartas não têm valor material, mas tem o calor do sangue. Os aspectos afetivos entre mãe e filha fazem parte de uma história de vida, das vivências de duas mulheres. Fica a intenção de deixar sua existência registrada, por um lado a mãe, Maria que escreveu por outro lado a filha com seu acervo protegido, de uma maneira simples e carinhosa. Dessa forma, procede de um reconhecimento de si, pela escrita das cartas. Cleusa ao guardá-las permitiu que a memória feminina praticadas na intimidade das escrituras, uma vez que são textos vivos nas cartas pudessem ser encontradas.

Com relação a troca de correspondências entre mulheres, Perrot (1989) coloca que essa prática de escrita se apresenta como crônicas da vida privada, e afirmaram-se no século XIX. Essas escritas fazem do privado um lugar de felicidade móvel, cujo palco é a casa, os atores os membros da família, e as mulheres testemunhas e crônicas [...] na rememoração, as mulheres são em suma, as portas vozes da vida privada. (PERROT, 1989, p. 14, 17) Porta vozes, nesse caso de uma escrita do feminino.

Carla Gastaud confirma que as correspondências entre mulheres ou pelas mulheres, ou as escritas de mulheres só foram possíveis desde que as mesmas conquistaram o direito à alfabetização nos finais do século XIX. Esta escrita atinge, na atualidade, ampla repercussão social, política e cultural e já é possível ampliar sua abrangência pelo despertar de outros diários, até masculinos (GASTAUD, 2009, p.101)

3.4 - OS ASPECTOS AFETIVO NA ESCRITA DO FEMININO

Depois da primeira leitura, realizada por uma mulher e ouvida por outras mulheres, todas ligadas por uma relação de parentesco, emerge o entendimento de que essa escrita tratava-se de uma escrita ordinária, com aspectos do mundo de vida de mulheres. É uma escrita da vida diária que se encontra nas cartas arquivadas desde 1975. As memórias enfatizam também a importância do ato de escrita privada e as práticas de uma vida. Logo, as cartas de Maria Gomes Aguiar apresentam acontecimentos que pertencem a um patrimônio vivo e vivido. Para corroborar com a análise, compreende-se que:

As cartas como escrituras ordinárias mostram em traços firmes e/ou inseguros uma relação pessoal com o universo da escrita através delas “abre-se a possibilidade de (re) conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas, enfim, ‘devolvemos’ certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo”. (CASTILLO, 2000, p. 11)

Dessa forma, são sentimentos de afeto, são confissões sem pressão externa. Percebe-se a afetividade entre mulheres, mãe e filha e suas aproximações para explorar o arquivamento do eu e seus aspectos um mergulho nos papéis singulares de um indivíduo comum, Antônio Cícero (1996) aponta que abrir velhos baús de memórias significa, muitas vezes, um reencontro com a própria vida.

As cartas que foram enviadas da mãe para a filha relatam as relações de cotidiano. Sob o ponto de vista da história, nesse caso o cotidiano de vida das mulheres, materializado por papéis do passado, guardados em um arquivo zelosamente preservados por Cleusa.

As cartas mostram um lugar de possível diálogo entre duas mulheres, amigas, família, mãe e filha, elas que estão distantes e por meio das cartas, se comunicam fixam os princípios da cultura, a vida num tempo, é uma fonte registrada para historiadores.

Maria Gomes Aguiar inicia sempre suas cartas assim: “Querida filha, neta e genro”. Pode se perceber que já no início está presente a afetividade e o carinho, manifestados na designação “querida”.

Sempre agradece a Deus por sua filha que ela acompanha estar bem sendo que na época da escrita Carmencita³, tinha vinte e um anos, e fala que ela própria está bem e com intensa saudade. Essas cartas partilham as emoções e os sentimentos de tristeza da saudade e afeição. Maria Gomes Aguiar nas escritas ordinárias faz planos para o futuro, sempre pensando em ter a companhia de seus filhos, e que apareça uma ocasião propícia ou uma possibilidade de futura visita, informando a passagem do carnaval e outras passagens.

No próximo capítulo trago as escritas das cartas e as declarações de afetividade exposta no conjunto epistolar na escrita ordinária de Maria Gomes Aguiar.

³ Carmencita Aguiar da Silva a filha caçula de Maria Gomes Aguiar, ao qual ela acompanhava.

4 UMA LEITURA MODOS DE SER DO FUNDO DO BAÚ

Neste último capítulo abordo as análises das escritas ordinárias nas cartas de Maria Gomes Aguiar, ou seja, depreender os envelopes, o suporte, o lugar de onde as cartas foram escritas, bem como o cerimonial epistolar. Dentre os assuntos, pode - se destacar as seguintes percepções: Transferência de cidade, a identidade do local, a demonstração de afetividades analisada nas cartas, os apelos e a influência política da época, e um suposto marido um pretendente a casamento para sua filha caçula.

As seis cartas escritas por Maria Gomes Aguiar recebidas e arquivadas por sua filha Cleusa Salete Aguiar Martins oferecem aos historiadores do presente, versões e vestígios de suas experiências individuais e relações familiares. Pois, as cartas se apresentam como,

Fontes que o historiador não pode prescindir em seu ofício e que servem igualmente a outros estudiosos que se interessam por algum aspecto da vida humana, quer seja relacionada a linguagem, a escrita, a educação, às mentalidades ou aos costumes. (CASTILLO, 2001, p.16).

O conjunto epistolar é composto por seis cartas, em um total de 15 folhas amareladas e envelhecidas. As palavras foram escritas à mão, com toda elegância e sempre com caneta de tinta azul, materializadas em folhas de blocos de cartas. Estas cartas foram escritas na cidade de São José do Cedro S.C na década de 1970. Escritas em São José do Cedro SC, e lidas em Tubarão SC. São construídas por vocativos, cerimonial epistolar; e os assuntos compostos por motivos.

As cartas de Maria começam a ser escritas logo após a sua mudança, para acompanhar sua filha, como apresentei anteriormente neste trabalho, à primeira carta esta datada no dia 21/11/1975, na sequência a segunda na data 02/12/1975, a terceira da data 18/03/1976, a quarta na data 10/05/1976, a quinta carta foi na data de 24/05/1976. Na carta de 25/04/1976, penúltima enviada para Cleusa, Maria ainda não sabia da transferência de volta ao sul do estado, e a sexta e última carta que foi na data de 09/06/1976, foi nesta carta que Maria escreve que foi aceita a transferência, mas não sabia a data.

Assim, quanto aos vocativos. No início de cada carta, aparece com frequência “querida filha” e os vocativos se repetem no decorrer das cartas, a maioria delas em duas folhas ou três com quarenta e uma linhas em média. Isso é, sempre reforça a quem dirige as cartas.

Sem mais abraços e beijos no Dalton, beijos e abraços bem apertados na querida Angela e para ti minha querida filha beijos e abraços cheios de saudades desta que não esquece vocês um segundo (1976) [...] “Querida filha neta e genro”(1975), “Olá! Angela⁴ Tudo bom!” “Aqui todos bem, espero que aí estejam todos da mesma forma.” (1975).

Maria também faz uso do cerimonial epistolar. Pois se encontra cumprimentos como: “Aqui todos bem espero que aí estejam da mesma forma ” ou a despedida “Sem mais despeço-me com uma abraço e beijos no Dalton e Angela e para ti minha querida filha beijos cheios de saudades de tua mãe”. Nessas variações de início ou despedida, seguidas como uma norma de um cerimonial epistolar apresenta-se uma angústia marcante: “não recebi sua resposta, me escreva, estou com saudades”. (1976)

Entre os temas, que fazem os assuntos e os motivos das cartas a necessidade de se sentir junto aos filhos e filhas, o desejo da transferência do trabalho da filha caçula Carmencita, para que possa voltar a permanecer próxima da família, as relações de namoro dessa mesma filha, a exuberância e necessidade de receber cartas dos outros filhos.

Maria sempre escreve que recebeu cartas dos seus outros filhos detalhadamente, e ainda escreve o que eles a escreveram desse modo, apresenta seu ato de escrever cartas.

Maria escreve em uma das cartas a sua angustia, de não receber a resposta em uma carta, mas mostra na próxima que recebeu uma resposta e notícias:

[...] recebi carta da Dora⁵, Clélia⁶ Cleonir⁷, só tu não me escreve sei que por obrigação era eu quem tinha de escrever, mas acho que quando de sente saudades das pessoas o alívio é escrever; e eu fico esperando carta tua hoje, amanhã como nunca chega resolvo e escrevo.(1976). Recebi tua carta, fiquei contente,[...] Fiquei contente também de saber que fostes conhecer o norte do Brasil, tens que aproveitar antes de vir o Daltinho se Deus quizer. “[...] A Clélia também me escreveu e mandou dizer que tinha falado contigo.

Mas Maria Gomes Aguiar escreveu cartas para todos seus filhos. Assim confirma suas filhas:

⁴ Angela Marins Valerim, neta de Maria Gomes Aguiar e filha de Cleusa a arquivista das cartas.

⁵ Dora apelido de Doralice Tancredo Aguiar nora de Maria, casada com seu Filho Clodomir residente em Lauro Muller.

⁶ Clélia Aguiar Dalsasso, filha de Maria Gomes Aguiar

⁷ Cleonir Aguiar Maciel, filha de Maria Gomes Aguiar

Minha mãe escrevia cartas para todos nós filhos, mas não guardei as minhas, nem eu nem a Carmarina,(Cleyde,2016).

Eu perdi tudo na enchente em setenta e quatro em Tubarão.(Clélia, 2016).

Nossa faz muito tempo acho que joguei tudo fora, minha mãe gostava de escrever cartas, que saudade da minha mãe. (Carmarina.2016).

Nas entrevistas com as filhas mais velhas de Maria Gomes Aguiar, Carmarina⁸ hoje com 83 anos Cleyde com 76 anos e Clélia com 74 anos, possibilitou, uma melhor análise das cartas, todas as filhas receberam cartas da mãe, pelo fato de residirem em cidades distantes, mas não as arquivaram, sendo assim possibilitou refletir sobre o tema deste trabalho nas escritas ordinárias de Maria Gomes Aguiar.

Durante a leitura das cartas identifiquei os principais assuntos e a seguir os apresento buscando mostrar sempre a relação das temáticas com a escrita do feminino.

4.1 TRANSFERÊNCIA DE CIDADE, A IDENTIDADE DO LOCAL

Maria por meio de sua escrita partilha com a filha a duração do trajeto de ida de Lauro Muller para São José do Cedro. Busca informar detalhes da cidade e do bairro que habita, talvez na intenção de integrar a filha ao novo momento que vive, talvez porque sente necessidade de expressar-se de mostrar sentimentos em relação a sua nova experiência.

[...] chegamos aqui no dia 18 as 2 horas da tarde, saímos de L.M dia 17 e saímos de Florianópolis no mesmo dia as 8 da noite.(1975). As cidades do Oeste são mais ou menos muito espalhadas e com muito barro, principalmente quando chove. Honten (sic) choveu muito aqui, mas hoje graças a Deus esta um dia lindo.(1975) [...] olha fica quase no fim do mundo, pois não chega nem 50KLM, longe da Argentina. Quando chegamos pegamos um hotel (1975)

Ela decide acompanhar a filha caçula Carmencita, em seu trabalho, para isso viaja 10 horas, sente a diferença entre a cidade que está das cidades do litoral. Precisaria adaptar-se e por meio dessa informação repassa a sua filha seus sentimentos, suas angústias.

[...] A cidade é boazinha, tem diversos prédios e muitas ruas calçadas, não telegrafei porque aqui não tem telégrafo (1975). [...] Aqui é lugar pequeno, porém de um bonito aspecto. Moro bem no centro, todo movimento passa

⁸Carmarina Aguiar Bittencout, filha mais velha de Maria Gomes Aguiar.

na frente, nosso quarto fica no 1º andar o pior é termos que subir uma escada, as camas são boas, tem um roupeiro pequeno. Embaixo do quarto tem uma loja A Barateira, do lado de um açougue, casa Rener e muitas outras que nem sei o nome. (1975)

Passados os primeiros impactos da chegada descreve as acomodações, evidenciando o tipo de conforto que terão ao longo de toda a estadia da filha Carmencita no novo trabalho. Sua descrição ajuda a compor o cenário da cidade de São José do Cedro na década de 1970. É criteriosa nessa descrição e apresenta os lugares que interessam as mulheres, as lojas, por exemplo, onde poderia adquirir tecidos, a entrada livre na Argentina, onde muitos moradores da cidade iam para fazer o rancho do mês e comenta os valores do filé, do salame seco, do arroz amarelão, maçã, e cigarros.

[...] na Argentina é tudo mais barato, pois tem muita gente daqui que faz rancho do mês lá, 1 kg de filé custa - 6,00, 1 kg salame seco - 8,00, 1 kg de arroz amarelão- 2,00, maçã- 0,50 e mais cigarro, conservas de frutas, azeite, azeitona tudo mais barato (1975). O povo daqui são quase todos de origem italiana e gaúchos, mas são muitos bons, principalmente do hotel em que paramos. (1975). Aqui é bom o pessoal são bem bacanas, mas tenho muita saudades do sul dos filhos e netos, por isso quero ir embora. (1976).

Após algum tempo distante, de seus outros filhos mas já habituada com a população. A saudade parece já estar presente nas escritas. “As pessoas são boas, mas a saudade é maior” (1975). Maria mostra a forte ligação que tem com seus familiares, aqueles que ficaram no litoral de Santa Catarina e expressa o desejo de voltar. Pode-se inferir que tipo de sentimento arrolaria nos filhos e filhas que ficaram sentindo que a mãe está tão carente dos mesmos. A impotência da resolução do problema, criado a partir da necessidade do trabalho de uma das filhas. Neste trabalho, não mostro o outro lado, o lado da leitora das cartas e suas respostas, pois as mesmas não foram arquivadas.

Por meio da leitura das cartas e suas sequências de datas sendo que são escritas em média num período de dois em dois meses percebe-se vestígios, do que esta se passando na vida da destinatária. Mas, pela intimidade como escreve pode-se inferir que tem por essa filha a liberdade de mostrar suas fragilidades.

3.2 A DEMONSTRAÇÃO DE AFETIVIDADES:

Vale ressaltar que a partir da análise das cartas, foi possível, compreender os aspectos afetivos, presentes na escrita das cartas apresentadas

neste trabalho. Quando lidas, o conjunto epistolar trás as relações de afeto nas preocupações em estar morando longe sua família e almejando a aproximação.

Querida filha neta, e genro. Recebi tua carta hontem (sic), juntamente com uma da Clélia⁹. Fiquei muito contente por saber que estão todos bem. (1975).

Ao falar dos proprietários do hotel onde estava morando, Maria escreve com carinho deles, mas o chama de “estranhos”, deixando grifada nas escritas que quer voltar para estar com seus filhos e filhas. Percebe-se que ela logo se apegava aos “estranhos” mas preferia estar com a família. Escreve a sua esperança de receber a visita dos filhos e filhas, que eles podem vir de automóvel de ônibus e ainda, afirma que todos podem ficar no hotel com ela.

Eles são bons demais, mas quero sair daqui de qualquer jeito. Mas já tenho pena de deixa-los.(1975)

[...] vocês não querendo vir de carro pode vir de ônibus, só que ônibus demora muito, porque chega em muitos municípios.(1975).

Para parar aqui não tem problema; pois o dono do hotel já disse que a minha família pode vir, que eles me entregam os fundos do hotel para eu recebe-los[...] eles estão fazendo uma reforma grande (1975)

“[...] Carmencita¹⁰ hontem(sic) estava muito triste, não quero nem pensar no natal e 1º do ano, pois se ainda viesse um dos filhos aqui a gente ficaria feliz, mas só no meio de estranhos, não sei o que vamos fazer, acho que vamos chorar o dia todo.” (1975).

Muitos dias na perceptiva, de encontrar seus filhos e filhas, talvez como rever um grande amor, ou talvez para se sentir-se protegida, pela família.

Maria conta como ela e a filha Carmencita passam os dias, e a desordem da vida que estão passando nesse período, imaginando como seria passar as festas de natal e ano novo sozinhas, longe de toda sua família, como elas iam se sentir, tão sozinhas. Ao falar que chorou nos dia das mães, ela coloca que tem onze filhos e que provavelmente estará sozinha.

[...] nós aqui vamos passando dias conformadas outros desanimadas, mas assim é a vida.(1975) [...] filha neta e genro, recebi tua carta **hontem**,(sic) [...] aqui vamos passando, dias conformadas outros desanimadas, mas assim é a vida.[...] Carmencita vai bem, [...] ela esta gostando (1975).

Chorei dia das mães, porque criei tantos filhos e naquele dia só uma filha para abraçar-me ela deu-me uma saia, um par de sapato e um cartão muito bonito.(1976).

Por sua afeição, Maria faz como um drama emocional, ela estava lá na nova cidade para acompanhar a filha no novo trabalho, e queria que todos

⁹ Clélia Aguiar Dalssaso, filha de Maria Gomes Aguiar

¹⁰ Carmencita Aguiar da Silva, filha caçula de Maria Gomes

pudessem estar na sua companhia, sendo que todos os seus outros dez filhos também estavam nos seus trabalhos, estavam casados com esposas e esposos, filhas e filhos.

[...] e eu na fossa com saudades dos meus filhos e queridos netos.(1976). Sem mais abraços e beijos no Dalton¹¹, beijos e abraços bem apertado na querida Angela e para ti minha querida filha beijos e abraços cheios de saudades desta que não esquece vocês um segundo. (1976). Querida filha, neta e genro. Recebi tua carta e fiquei contente por saber que estão todos bons.(1976) [...] Espero que estejam todos bem na mais perfeita felicidade. (1976).

Esse discurso de Maria nas escritas repete em todas as cartas. Os sentimentos que ela coloca evidenciam suas saudades. As escritas ordinárias de Maria nos mostram os espaços de atuação em que as mulheres da geração de Maria, transitavam no seu universo privado para a vida pública. Assim tomando como um fio condutor, o acervo permite reconstruir, sua trajetória, destacando a singularidade de sua participação nas cartas. O exemplo das cartas dos arquivos pessoais, elas registram vivências, as cartas e suas escritas testemunham práticas cotidianas Cleusa ao arquivar os velhos papéis, reconstruiu sua vida lançando um olhar sobre si mesma, fazendo um balanço do passado (MALUF, 1996).

4.3 OS APELOS A INFLUÊNCIA POLÍTICA:

Outro assunto presente nas cartas de Maria Gomes Aguiar são suas estratégias de apelos a políticos para resolver o problema da distância da família. Ela narra em uma das cartas que escreveu uma carta ao amigo de Lauro Muller¹² Gil Ivo Losso¹³, que era um homem com certa influência política, para conseguir a transferência do cargo que Carmencita ocupava no Banco do Brasil em São José do Cedro para uma cidade do litoral, onde estaria próxima de seus filhos e netos.

[...] Já escrevi para o Gil pois este esteve la casa antes de virmos e disse se eu quizesse (sic) ele arranjava com o Ademar Guisi¹⁴ p. irmos para Florianópolis, mas escrevi já pedindo qualquer cidade do sul inclusive Laguna, Braço do Norte, ou qualquer outra, mas que fique perto dos filhos e netos.(1975)

¹¹ Manoel Dalton Martins,(falecido em 1977) genro de Maria Gomes Aguiar, esposo de Cleusa aquela que arquivou as cartas.

¹² Lauro Muller- Municipio de Santa Catarina.

¹³ Gil Ivo Losso, amigo influente politico, foi empossado vereador na primeira eleições municipais de Lauro Muller/SC em 12 de maio de 1957. Fonte: site da prefeitura de Lauro Muller.

¹⁴Ademar Paladini Guisi, foi deputado federal por Santa Catarina em cinco mandatos.

[...] esta semana ela vais requerer a saída daqui, já escrevi para o Gil mas se não der Florianópolis, pode ser Tubarão, Laguna, Criciúma, Braço do Norte, quero um lugar onde fique perto dos meus filhos”. (1975).

[...] Quando chegamos tinha no banco uma correspondência do Adhemar para Carmencita, inclusive tinha ofício do Peracchi Barcelos¹⁵, mas nós não entendemos, mandei a cópia para o Chiquinho¹⁶ para ele nos explicar.(1975)

Os apelos á influência dos políticos para conseguir empregos e outros benefícios é uma prática que se estenderá á muitos anos no Brasil. Faz parte de uma política clientelista utilizadas como troca de favores. Maria utiliza o mesmo mecanismo, na impossibilidade de uma política que garanta aos concursados o direito de transferência na época. Não entrando no âmbito do julgamento de tal atitude, mas a carta apresenta como parte da população resolve seus problemas por meio de apadrinhamentos, geralmente associados a favores políticos. Maria fazia parte das pessoas que sabiam onde buscar a solução de seus problemas utilizando o famoso “jeitinho brasileiro”. E assim ela consegue, eis as pistas dessa conquista

4.4 UM SUPOSTO MARIDO PARA SUA FILHA CAÇULA

Outro assunto das cartas é a preocupação, em casar a filha caçula e solteira Carmencita, Tal preocupação se dava devido a idade em que se encontrava a moça, vinte e um anos, e as exigências desse tempo referente a constituição familiar, uma mulher solteira depois de certa idade, era taxada de solteirona, pejorativo que desqualificava as mulheres e por mais que Carmencita tivesse uma carreira no trabalho, se não fosse casada, não seria bem vista na sociedade.

Eis um assunto que preocupava os pais e Maria sendo viúva sentia ainda mais a responsabilidade sobre o estado civil da filha.

Carmencita já foi no cinema 2 vezes é mais ou menos, tem boate mas ela ainda não foi, (1975). Essa semana vai chegar um filho do dono do hotel que faz medicina em Porto Alegre não sei se é bonito mas são gente boa isso é. Este moço tem 25 anos e esta no 5º ano (1975).

Carmencita não se embelezou por nenhum moço, pois cá pra nois (sic) são uns grosso, os que não tem chapa tem dente de ouro.(1975). Tem diversos moços parando aqui até um solteirão de 40 anos, aqui tem muitos moços, mas não quero ficar aqui, apesar do povo serem bons demais e comunicativo.”(1975).

¹⁵ Peracchi Barcelos foi diretor do Banco do Brasil para a região sul do Brasil. Fonte:Livro sobre a vida do ex-governador Peracchi Barcelos no Comando-Geral da BM. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valter-peracchi-barcelos>

¹⁶ Francisco Dalssaso genro de Maria Gomes Aguiar, esposo da filha Clélia

[...] No banco trabalham diversos moços, mais cada um mais bobo que o outro, tu sabes os do banco do Brasil no interior querem ser os tais.(1975)

O carnaval aqui deu muito bom. A Carmencita saiu no bloco junto com aquele moço que te falamos, estão namorando.[...] a família dele esta entusiasmada, pois fazem muito gosto, pela páscoa ele estava aqui.(1976).

Carmencita esta bem. O Airto¹⁷ veio passar a páscoa, conforme ele havia prometido a ela. Esta tudo legal cada vez mais apaixonados um pelo outro.[...] dentro de 10 dias ele escreveu 2 cartas e um cartão para ela, cada uma mais apaixonada que a outro, tomara que de certo pois o moço é muito bacana e acho que ela também merece.(1976).

Talvez agora dia 29 de maio o Airto vem aqui novamente, vai casar uma prima dele a tal que não queria que ele namorasse a Carmencita, a tal da Salete acho que te falamos.(1976).

Nas férias do fim do ano ele irá onde nós estivermos.[...] No mais Carmencita e eu vamos bem só que ela na fossa com saudades do broto, chega até a chorar de saudades[...] (1976).

Cabe registrar que essa busca não é das mais tranqüilas, uma releitura das cartas mostra a sensação de dificuldade ou uma preocupação de mãe com sua filha de deixar sua filha amparada com um futuro namorado, um bom moço bom para casar sua filha, que ao que mostra Carmencita era exigente nas suas escolhas. Talvez porque trabalhar no Banco do Brasil lhe dava status, então ela quem sabe se sentia no dever de escolher um bom.

4.5 UMA CARTINHA ESPECIAL

Nas escritas ordinárias para sua filha Maria também envia cartas para sua neta de seis anos. Trocar correspondência era um ato em que Maria Gomes Aguiar socializava seus sentimentos de afetividade com seus filhos, filhas e também sua neta que a escrevia e Maria a respondeu.

¹⁷ AIRTO, Filho do dono do hotel um bom pretendente para namorar a filha.

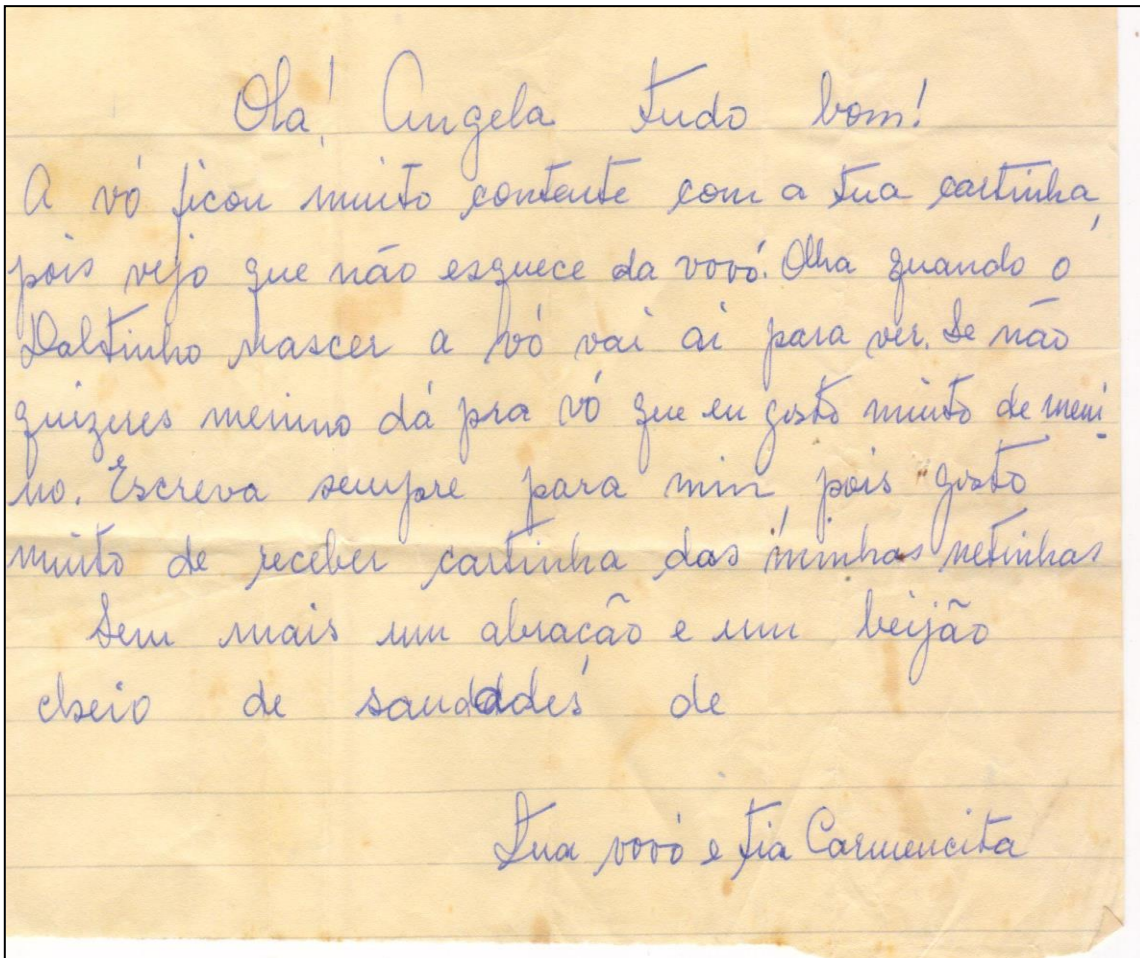
Figura 6 – Acervo de Cleusa digitalizado.

Ângela minha querida
 muito obrigado de ter manda
 do aquela cartinha. Podes
 ver que a vó vai rezar para
 o papai - Noel trazer uma
 bicicleta para Ti. Alba
 Dalton e Cleusa ela merece pois
 apenas com 6 anos e já no
 2º ano. Parabéns querida!
 a vó não esquece dos olhos
 rasos de lágrimas só porque
 a vó não queria chorar ou
 se lembrar! Sem mais
 minha querida netinha
 um beijão e abraços da vovó
 e
 Carmencita

Continuo mandando carta
 para a vó.
 S. José do Pedro - SC - 89.930

Fonte: Acervo de Cleusa

Figura 7 - Acervo de Cleusa digitalizado.



Fonte: Acervo de Cleusa

4.6 A TRANSFERÊNCIA DO TRABALHO DA FILHA

A utilização de pedidos a políticos, para transferir sua filha, foi uma das principais preocupações que aparecem nas cartas. Se houvesse uma transferência de trabalho tudo parecia se resolver, assim poderia voltar a estar próxima dos seus outros filhos e netos.

Essa semana ela vai requerer a saída daqui. (1975). No emprego ela vai muito bem, no mês de abril ela recebeu 3.500,00 cruzeiros. Mas ela quer mesmo sair daqui antes de julho, pois é férias (1976).

Aqui todos bem na Graça de Deus; espero que aí estejam bem. Carmencita¹⁸ foi transferida para Braço do Norte, mas só vamos sair daqui em Julho começo de agosto (1976).

[...] estou te escrevendo só para avisar-te que vamos embora, tenho medo de não arranjar casa, pois chego até perder sono em pensar.(1976).

¹⁸ Carmencita Aguiar da Silva a Filha caçula de Maria Gomes

Cleusa o problema é arranjar casa lá, te informa de algumas pessoas de lá e pergunta. Já escrevi para Dora, para Clodomir procurar casa lá pois estou chata de parar no hotel.(1976).

Neste momento Maria mostra as novas expectativas escrevendo que a filha Carmencita solicitou a transferência de cidade no local onde trabalhava no banco do Brasil para o sul do estado de Santa Catarina.

Fala o valor que a filha recebeu de salário e que mesmo sendo um bom valor precisa voltar a morar em uma cidade próxima dos filhos. Logo recebe a transferência para cidade de Braço do Norte, agora vinha à preocupação para encontrar uma casa para alugar e vir no mês de junho nas férias.

Maria solicita a sua filha Cleusa que informe ao seu irmão Clodomir¹⁹ para que ele procure uma casa, pois a mesma já estava cansada de estar morando em um hotel, que não deveria ter a mesma privacidade e conforto de uma casa.

A filha Carmencita nos conta:

Eu pedi a transferência no banco, e veio rapidinho, pelo Avc da mãe, então veio por motivo de saúde, eles me deram pois nós morava só nós duas, e eu precisava de ajuda das irmãs para cuidar da mãe. (Carmencita Aguiar da Silva- 2016).

Após a transferência e antes da mudança, Maria teve um AVC²⁰, relatou Carmencita. A filha Cleyde fala que Maria foi transferida do Hospital de São José do Cedro, o seu irmão Cleir que morava, na época em Gravataí, conseguiu uma ambulância para trazer Maria sua mãe, para a cidade de Lauro Muller.

Maria com sua filha Carmencita se hospeda na casa do filho Clodomir. Eis a fala de Cleyde:

Minha mãe teve um AVC, o Cleir²¹ conseguiu uma ambulância em Gravataí, no Rio Grande do Sul, pois ele era filho mais próximo da cidade de São José do Cedro, ela veio para o hospital de Tubarão, mas não tinha vaga, aí levamos para Lauro Muller, ela ficou um tempo no hospital, depois na casa do Clodomir, a Dora cuidava dela, mas ela tinha vergonha do banho da nora, aí fui de Curitiba para Lauro Muller e cuidei da mãe era férias de Julho, aí levei as crianças (Cleyde Aguiar Guollo- 2016).

¹⁹ Clodomir de Aguiar (faleceu em 1990) filho de Maria Gomes residia na cidade de Lauro Muller.

²⁰ AVC isquêmico ou acidente vascular cerebral isquêmico se dá quando há uma obstrução da artéria, impedindo a passagem de oxigênio para as células cerebrais, que morrem - essa condição é chamada de isquemia.

²¹ Cleir de Aguiar, (faleceu em 2002) filho de Maria Gomes Aguiar que residia na cidade de Gravataí R.S, ele se suicidou com um tiro.

Sendo assim neste momento de hospedagem da mãe, Carmencita fica durante a semana no trabalho em Braço do Norte, num hotel, mas logo ela aluga uma casa e as duas se mudam para a cidade de transferência.

Em documentos, que tinham cor, forma e cheiro, abordei neste capítulo as análises das escritas ordinárias nas cartas de Maria Gomes Aguiar, e que também foram utilizadas como suporte neste trabalho, trouxe as relações de Maria Gomes Aguiar suas afeições para seus filhos e filhas. Nos escritos desta análise junto com as folhas de papel, nas escritas simples e ordinárias é possível observar e identificar as relações de familiares, as afeições entre mulheres, os vínculos entre as pessoas. Ao arquivar as cartas Cleusa nos deixa vestígios de sua afetividade nas memórias da escrita do feminino uma sua mãe que escrevia cartas para filha.

Assim deve – se refletir que em cartas que guardam os sentimentos, essas escritas na maioria, das vezes permanecem escondidas ou esquecidas em fundos de baús. Ao ler procurei dar ênfase as narrativas que tratam do cotidiano de uma mãe onde estão descritas e representadas as situações vivenciadas no dia-a-dia destacando os sentimentos, e as relações de afetividade atribuída ao papel.

As seis cartas arquivadas por Cleusa e escritas por Maria foram guardadas por quarenta anos. Descobertas pelos parentes, lidas em voz alta puderam consagrar-se como papeis de memória de uma mulher professora e mãe. A análise desses documentos permite conhecer o íntimo de uma mulher afastada da maioria de seus familiares e a luta constante para se reunir a eles. As escritas ordinárias, como escritas de si, mostram o que há no privado valorizando a vida das pessoas comuns.

5 CONCLUSÃO

O campo dos sentimentos, das afeições, sensibilidades e percepções abre um espaço novo para historiadores e historiadoras, a partir do qual a história pode ser repensada. Documentos desta trajetória apontam para outros conhecimentos, hoje, do teor dessas escritas íntimas e dos registros epistolares permitem pensar nas diferentes formas e campo dos sentimentos, ou seja, permite pensar nos materiais portadores e construtores de teias de sensibilidades da história, considerando que são cartas de diferentes situações, de uma mãe para filha que envolve afetividades e preocupações e que podemos refletir sobre as mesmas como práticas e registros que ocorrem em espaços diversificados sendo importante destacar a temporalidades distintas em que foram escritas.

Contextualizei no primeiro capítulo “A história da escrita ordinária” e os estudos que tratam de escritas epistolares, usando alguns referenciais como fonte e observei que a relação afetiva entre uma mãe e filha ainda não foi discutida, no estado de Santa Catarina e essas relações afetivas sob o ponto de vista histórico e que foram materializadas por meio de cartas. O segundo capítulo o “baú de memórias”, neste momento apresentei, a história das cartas, as cartas como práticas epistolares das pessoas comuns, chamadas de escrituras ordinárias ou escritos sem qualidade.

No terceiro, “Uma leitura modos de ser do fundo do baú”, abordei as análises das escritas ordinárias nas cartas de Maria Gomes Aguiar, ou seja, depreender os envelopes, o suporte, o lugar de onde as cartas foram escritas, bem como o cerimonial epistolar. Dentre os assuntos, destaco- as seguintes percepções: a afetividade analisada nas cartas, os pretendentes para um futuro casamento da filha caçula, e a influência política da época.

De certo modo, a análise das cartas permite compreender traços que envolvem aspectos da escrita feminina, representadas, nas descrições do cotidiano e dos sentimentos no momento de distância entre uma mãe de seus filhos e filhas. As notícias de seus sentimentos relacionados a todos os filhos e filhas aparecem nas narrativas escritas a uma das filhas, e que arquivou as cartas da mãe possibilitando o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As escritas ordinárias que analisei foram apenas da remetente, não acessei as respostas de Cleusa para a sua mãe Maria, isso dificultou o trabalho,

julgo a resposta de cada carta pela escrita de Maria na sequência de uma carta a outra.

As primeiras leituras das cartas foram muito envolventes dificultando a sistematização esperada de uma pesquisa. Foi um impacto os primeiros contatos que o material causou. Mas com o decorrer das leituras e de antemão minha postura metodológica foi de uma historiadora, para o processo de reflexão desta história. Portanto, nas escritas ordinárias foi possível observar e identificar relações de afetividade, afeições, preocupação, e sentimentos de angústia com a resposta levava algum tempo a chegar trago os vínculos entre pessoas, mais especificamente, nesse estudo, de uma mãe para sua filha.

Eu percebo que a minha identidade também esta inclusa nesta escrita no lugar de neta nas escritas ordinárias de minha avó e nas minhas leituras e análise eu confronto com a minha história de vida, minha história está presente também no sentido da relação de afetividade com elas e a dor de estar órfã de mãe e pai e avó nestas cartas estas memórias são identidades de mulheres e de minha família.

Pois, ao se tratar de cartas de laço familiar muito forte, sendo assim a cada leitura eu chorei eu sorri, pensava em não concluir essa pesquisa por se tratar das escritas ordinárias de meus familiares e por ter eu prezado a minha afetividade nas cartas, de pessoas do meu relacionamento, senti nelas a presença da minha avó, onde na minha infância e o início da minha adolescência estava sempre presente.

Mas como historiadora, eu analiso nas cartas as escritas ordinárias no conjunto epistolar, nos trouxe um documento de estudo e fontes para outros historiadores, é evidenciar um material de estudo.

E a partir da natureza do material e do meu objetivo em mente trazer o acertamento ao sujeito que escreve, no próprio ato de escrever, enquanto escreve a carta foi se delineando os cabeçalhos os parágrafos as despedidas, e enquanto se anuncia a afetividade e preocupações de uma mãe para sua filha, os procedimentos que a correspondente mostra quando busca a outra sua destinatária.

Maria Teresa Santos Cunha diz que, um baú é sempre um objeto interativo: se fechado, conserva, guarda, preserva; se aberto, anuncia, mostra, dá a ver. Cartas íntimas, guardadas e preservadas em baú são vidas escritas que no tremor ou na firmeza da mão trazem traços de memórias marcados rasurados, recriados, inventados e reinventados.

Encontrá-las não é tão raro, embora perdidas no labirinto dos arquivos em que muitas matérias dessa natureza permanecem guardados como objeto de relíquias, são as escrituras ordinárias, de um tempo que uma nos traz alguns momentos, solenes, ocasiões especiais, militância política, fatos públicos, de momentos solenes ou ocasiões especiais, e vontade de forjar a glórias, outras trazem os laços de afeto no processo de construção de trajetórias, de situações de vida do seu cotidiano.

Por fim a moderna escrita das cartas possibilitou uma comunicação entre as pessoas, as escritas ordinárias a escrita de si nos trazem vestígios de um tempo, uma época de vida e cultura.

Aquele que escreve e aquele que lê, é aquele que lembra, são homens ou mulheres de memórias. Já sinto o pesar estar concluído, mas é preciso concluir.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Letícia Carneiro. Uma reflexão sobre o sentido da Formação do Professor na Escola Normal em Santa Catarina, **S/D.P.** 3 p. Cadernos ANPAE. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88321/229912.pdf?sequence=1> Acesso 18 setembro.2016.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200> Acesso em: 20 julho.2016
- BOLLÉME, Geneviève. O povo por escrito. São Paulo: Martins Fontes, 1988
- BURKE, Peter (Org.) **A escrita da historia: novas perspectivas.** 2. Ed. São Paulo: NESP,1992.
- CASTILLO GÓMEZ, A.(ed).**Cultura escrita e clases subalternas: una mirada española.** Madrid: Sendoa, 2001.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. 2003. *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate.* Revista Brasileira de História da Educação, n. 5, p. 93-124. Disponível em: <https://eulaliomotta.wordpress.com/projeto-de-pesquisa/referencias/>
- CASTILLO GÓMEZ, A.(ed).Cultura escrita e clases subalternas: una mirada española. Madrid: Sendoa, 2000.
- CASTILLO GÓMES, Antonio (Coord.). 2001. *Historia de la cultura escrita: del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada.* España: Trea.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos. 1994. *Paleografía versus alfabetización. Reflexiones sobre historia social de la cultura escrita.* Signo Revista de Historia de la Cultura Escrita, 1, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá de Henares, p. 133-168.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1975, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].
- CERTEAU, Michel de. L'écriture de l'Histoire. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CÍCERO, Antonio. Guardar: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Difel, 1991.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** São Paulo, UNESP, 2002
- CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. (Tradução de Maria Mauela Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: A escrita da história. Editora Forense Universitária, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Na plataforma do escrito: cartas entre professoras.** Universidade do Estado de Santa Catarina, 1997.
- CUNHA, M. T. S. ; Silva, V.L.G da ; FELGUEIRAS, M. L. . Museus e Arquivos Escolares. 2007.
- CUNHA, M. T. S. ; BENCOSTTA, M. L. A. ; MIGUEL, M.E.B. ; TEIXEIRA, R.L. . X Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. 2013. (Congresso).

- CUNHA, Maria Teresa Santos (2014). Do traçado manual ao registro digital: O acervo pessoal e profissional do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): dimensões e Possibilidades. Florianópolis: Editora UDESC. 45 pp. (Projeto de Pesquisa).
- CUNHA, Maria Teresa Santos e SOUZA, Flávia Freitas de.(2015) Viver e escrever: cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (século XX);Florianópolis. Editora Insular.
- FALCON, Francisco José Calazans. **História e Historia Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 88-89.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.
- GASTAUD, Carla Rodrigues. **De Correspondências e Correspondentes: Cultura Escrita e Práticas Epistolares no Brasil entre 1880 e 1950**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. RJ: Editora FGV, 2004, 3.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**.São Paulo: Siciliano, 1996.
- Maria Teresa Santos Cunha, op. cit., p. 184.
- MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000. P.118.
- MIGNOT, Ana Cristina V; BASTOS, Maria Helena C, CUNHA, Maria Teresa S (Orgs). **Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- MIRANDA, Tiago C. P. Dos Reis, A Arte de escrever cartas : para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In GALVÃO, Walnice e GOLTLIEBI, Nádia. **Prezado senhor, prezada senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A.C.V; BASTOS, M. H.C; CUNHA,M.T.S; (orgs).**Refúgios do Eu. Educação, História, escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. P.29-61.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. RJ: Paz e Terra, 1989.
- SOARES, Magda Guimarães. **Português através de Textos**. 2ª série. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1970)

Fontes Documentais

CERTIFICADO ESCOLAR E.E HERCÍLIO LUZ.- TUBARÃO.SC-1948

Depoimentos - Fontes Orais:

Carmarina Aguiar Bittencourtt, filha de Maria Gomes Aguiar. Nasceu em 27/05/1933, Gravatal/SC. Entrevista concedida a Angela Martins Valerim, em 22/07/2016, em Curitiba/PR.

Carmencita Aguiar da Silva, filha caçula de Maria Gomes Aguiar. Nasceu em 16/05/1954 em Lauro Muller/SC. Entrevista concedida a Angela Martins Valerim, em 05/05/2016, em Criciúma/SC.

Cleyde Aguiar Goulo, filha de Maria Gomes Aguiar. Nasceu em 23/03/1938 em Gravatal/SC. Entrevista concedida a Angela Martins Valerim, em 22/07/2016, em Curitiba/PR.

ANEXO(S)

Figura 8 – Carta de Cleusa.

12

S. José do Rio Preto, 21 - 11 - 1975

Querida filha

Aqui todos bem, espero que ai este-
jam da mesma forma. Nós chegamos aqui dia 18
às 2 horas da tarde. Saímos de S. J. dia 17 às 7 hrs e
saímos de Florianópolis no mesmo dia às 8 da noite.
Olha fica quase no fim do mundo, pois não chega
nem 50 klm. longe da Ouzutina. Quando chegamos pega-
mos um hotel, tomamos banho e fomos ao banco.
Baruencita foi bem recebida e apresentada a todos os
colegas. Dia 19 começou a trabalhar e já com hora
extra ela vai ganhar diz o gerente R\$ 800, a 3.000,
cruzeiros. Não deu de ficarmos neste hotel pois era
caro demais, pois só para tomar banho e deixar as
bagagens 2 horas eles cobraram 40,00 mil. Mas
graças a Deus encontramos um que fica também
no centro bem mais barato 600,00 cada e são
gente muito boa. Tem diversos mocos parando
aqui até um solteiro de 40 anos, aqui tem muito
mocos, mas não quero ficar aqui, apesar do povo
serem bons demais e comunicativo. Já escrevi
para o Gil, pois este esteve lá casa antes
de mimos e disse se eu quizesse ele arran-
java para o Adhemar p. irmos para Florianó-
polis, mais escrevi p. ele pedindo qualquer cidade
do sul inclusive ~~Florianópolis~~ Laguna, Braço
do Norte ou qualquer outra, mas que eu fique

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 9 - Carta de Cleusa.

perto dos filhos e netos. A cidade é boatinha. Tem
 diversos prédios e muitas ruas calçadas. Não tele-
 grafai porque aqui não tem Telégrafo. Quando che-
 guei aqui fiquei quasi louca, pois me sentia tão
 distante dos filhos e dos netos, mas o gerente disse
 se ela não gostar pode já entrar com requerimento de
 transferência. Quando chegamos tinha no banco covetes
 pondencia do Adhemar p. Carmencita, inclusive tinha
 um officio do Peracchi Barcelos, mas nós não enten-
 demos, mandei a copia p. o Chiquinho p. ele nos expli-
 car. As cidades do Oeste são mais ou menos, muito
 espalhadas e com muito barro, principalmente quando
 do elovê. Não tem globo muito aqui, mas hoje graças
 a Deus está um dia lindo não quero sair daqui sem ir
 visitar. Dignisio baqueira, Argentina e comprar algumas
 coisas baratas, pois eles dizem que quem tem carteira
 do banco tem entrada livre e compra o que quer,
 pode até pegar o gado, não sei se é verdade. Sem
 mais despeço-me com um abraço e beijos no Dalton
 e Angela e para ti minha querida filha beijos
 e abraços e beijos de saudades de tua ~~mae~~
 Mãe e Carmencita

O endereço é - S. José do Cedro, pode ser
 no meu nome, pois moro perto do Correio -
 Cod. 98.930

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 10 - Carta de Cleusa.

2 -

S. José do Cedro, 2 - 12 - 1975

Querida filha neto, e Jesus
 Recebi tua carta montei, juntamente
 com uma da bôêta. Fiquei contente por saber que estão
 todos bem. nós aqui vamos passando, dias conformados
 outros desanimados, mas assim é a vida.
 Caruacita vai bem só que da parteira de cobrança,
 passaram p carteira agrícola, ela está gostando
 de serviço. Nesta-feira passada ela prestou ju-
 ramento no banco. Depois disto ela recebeu ^{uma} ~~uma~~ ^{uma} ~~uma~~
 malbete de flous e dali foram para ^{as} ~~as~~ ^{as} ~~as~~ cerve-
 ja, por conta dela, mas não foi muito caro é uma
 limonada que eles fazem e foi bem bacana.
 No banco trabalham diversos moços, mais cada
 um mais lobo que o outro, tu sabes do banco
 do Brasil no interior querem ser os reis. Aqui
 é lugar pequeno porém de um bonito aspecto. Moro bem
 no centro, todo movimento passa na frente, nosso
 quarto fica no 1º andar o piso que temos de subir
 uma escada as camas são boas, tem um repêso pequeno
 Embaixo do quarto tem uma loja a barateira, do lado
 um açougue, casa jewel e muitas outras que nem
 sei o nome. O povo daqui são quasi todos de origem
 italiana e gaúchos, mas são muito bons. principal-
 mente do hotel em que paramos. Verham' passear
 aqui para irmos na Argentina que fica apenas
 31 kms. longe daqui, lá é tudo mais barato, pois tem

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 11 - Carta de Cleusa.

muita gente daqui que faz o rancho do mês lá, uma
 quina 1 Kg. de filé custa 6,00 - 1 Kg salame seco - 8,00 - 1 Kg
 de arroz durável 2,00 - macã - 0,50 e mais cigarro, conservas
 de frutas, azeite, azeitona tudo mais barato. Dia 8. de dezembro
 vão vir os feriados aqui quem vier se vai até a Argentina. Você
 não querendo vir de carro pode vir de ônibus, só que de ônibus demora
 ra muito porque passa em muitos municípios. Para passar
 aqui não tem problema, pois o dono do hotel já disse que a
 minha família pode vir, que ele me entregou os fundos do hotel
 para eu receber. Eles estão fazendo uma reforma grande
 e vão deixar os fundos com a cozinha, quartos, banheiros etc.
 onde eu posso receber a minha família. Eles são bons demais,
 quero sair daqui de qualquer jeito, mas já tenho pena de
 deixá-los. Carumecita já foi o cinema 2 vezes e mais
 ou menos, tem baile mas ela ainda não foi, sábado
 vai ter o baile de Choppe dia 6 e dia 13 baile de forma
 tura do normal e tem uma moça da casa que vai se
 fumar. Minha filha mais uma carta queimada de
 cigarro pois apesar de dar uma maço para a dona
 do hotel, ainda me sobra muito tempo p fumar.
 Carumecita botem estava muito triste, não quero nem
 pensar no natal e 1º de ano, pois se ainda visse
 um dos filhos aqui a gente ficaria feliz, mas só
 no meio de estrangeiros não sei o que vamos fazer, adeo
 que vamos chorar o dia todo. Esta semana ela vai
 requerer a saída daqui, já escrevi p o fil mas se não
 der Florianópolis, pode ser Tubarão, Lajuna, Criciúma, Braço
 do Norte, quero lugar que fique perto dos meus filhos.

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 12 - Carta de Cleusa.

Desempilhando o bloco de carta, fui obri-
 gada ~~a~~ a escrever em folhas de caderno,
 mais acho que isso não vem o caso, o que
 interessa é o conteúdo. Esta semana
 vou chegar um filho do dono do hotel
 que faz medicina em Porto Alegre. Não sei
 se é o bonito, mas que são gente muito
 boa isto é. Este moço tem 25 anos e
 está no 5º ano. Carmincita não se
 embelezou por nenhum moço, pois cá
 pra nós são muito grosso, o que não
 tem esapa tem dentes de ouro.
 Sou mais aguardando uma resposta
 breve pois fico tão contente qdo recebo
 carta de meus filhos, já escrevi para
 Carmincita até o momento nenhuma
 resposta. Dispenço-me com beijos e
 abraços no Dalton, beijos na Bufela
 e para Ti minha, querida beijos e
 abraços cheios de saudades de

Sua mãe - Carmincita
Abraços na beide o menino

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 13 - Carta de Cleusa.

40

S. José do Rio Preto, 10 - 5 - 1976

Querida filha, neto e juno

Aqui graças à Deus vamos passando bem. espero que ai estejam também na mais perfeita felicidade esperando a chegada do bebê. Carmelinda está bem. O Airto veio passar a páscoa conosco ele havia prometido a ela. está tudo legal cada vez mais apaixonados um pelo o outro. Chegou aqui dia 14 e voltou dia 20 para os estudos. Dentro de dez dias eles escreverão 2 cartas e um cartão para ela, cada uma mais apaixonada que a outra. Tomara que de certo, pois é um moço muito bacana e acho que ela também merece. Recebi carta da dona, Glélia, Gléonir, só tu não me escreve, sei que por obrigação era eu quem tinha de escrever, mas acho que quando se sente saudades das pessoas o alívio é escrever. E eu fico esperando carta tua hoje, amanhã como nunca chega resolvo e escrevo. Falvez agora dia 29 de maio o Airto vem aqui novamente, pois vai casar a prima dele a Tal que não queria que ele namorasse a Carmen Rita, a Tal de Salte acho que te falamos. No emprego ela vai muito bem, no mês de abril ela recebeu 3.500,00 cruzeiros, ela está guardando para comprarmos um carro qdo sairmos daqui. Nada de transferência, mas ela não quer mesmo sair daqui antes de

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 14 - Carta de Cleusa.

Julho, pois é férias e o Dito estará em casa.
 Mas férias do fim do ano ele irá onde nós estiver-
 mos, porque elas são mais longas. Dora também está de
 egonha naturalmente já sabes. Carmarina escreveu-me
 dizendo que o Yuri continua no mesmo, sabes o que é.
 Chorei no dia das mães, porque precisei tantos filhos
 e naquele dia só uma filha para abraçar-me da
 deu-me uma saria, um par de papato e um cartão muito
 bonito. Recebi também um cartão da Dora. A Angela
 como vai? continue esperando o menino e a M^a do Carmo vai
 ganhar este mês, espero que seja um menino. Tu também
 tem que ser um rapaz, o mais a Carmencita e eu
 vamos bem, só que ela na festa com sandades do bioto,
 chega até a chorar de sandades e eu na festa com
 sandades das meus filhos e juvenidos netos.
 Seu mais abraços e beijos no balton, beijos e
 abraços bem apertado na querida Angela e para
 ti minha querida filha beijos e abraços,
 cheios de sandades desta ^{que} não esquece vocês
 um só segundo

Sua mãe e Carmencita,

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 15 - Carta de Cleusa.

50

S. José do Cedro, 24 - 5 - 1976

Querida filha, meta e fmeo

Recebi tua carta, fiquei contente por saber
 estão todos bons. nós aqui vamos passando bem na
 casa de Deus. Fiquei contente também por saber que fostes
 visitar o norte de Brasil, tens que aproveitar antes de vir
 Daltrinho se Deus quiser. A Glória também me escreveu e
 pediu que tinha falado contigo. Recebi um cartão
 dia das mães do Blairballe, veio endereçado ao Rio, pois ele
 teve 3 meses lá fazendo um estágio para a Petrópolis,
 um no melhor hotel de Copacabana e tudo por conta da
 Estrovas. Carmemita está bem, tanto no trabalho como no
 canoro, só recebe as cartas que ele escreve para ela todas
 as semanas está mesmo ganhado. Talvez ele venha aqui este
 fim de semana ela está esperando, os dois se gostam muito
 era valer. No aniversário dela ele mandou um cartão
 muito bacana e a mãe dele deu um presente para
 ela, pois a família dele gosta muito dela, vamos ver
 e dá certo, pois ele é bom, educado e bem que ela merece.
 escrevi para a Alora, para o Barlito e Leonis e ainda não obtive
 resposta, não sei o que está havendo com eles, acho que é pre-
 juízo. Estou só aguardando o aviso de nascimento do filho
 do Barlito pois acho ser este mês Cleusa deve fazer
 um tratamento naquele seu corrimento, pois de vez
 em quando estou pensando e fico preocupada.
 Quanto a tranquilidade da Carmemita nada, não sei qual

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 16 - Carta de Cleusa.

a demora, agora antes de julho ela não quer sair daqui, porque o Cisto está de férias e não ficar juntos e mês inteiro. No banco ela está bem de vez em quando, vai uma gratificação em abril ela recebe o salário 3.500,00 cruzeiros, em julho ela vai receber 2 ordenados e meio que dá quase 6.000,00 cruzeiros e vai ter um aumento de 48%. Aqui é bom e pessoal são bem bacanas, mas tenho muita saudade de você de seus filhos e netos, por isso quero ir embora. Sou mais aguardando uma resposta digressão-me com beijos no Dalto, Angela, abraços na sua sogra e cunhadas e para Ti minha querida filha beijos e abraços e desejos de saudades de tia

Mãe e Carmencita

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 17 - Carta de Cleusa.

69

S. José do Cedro, 9 - 6 - 1976

Querida filha, neta e jense

Aqui todos bem mas Graça de Deus espero que ai estejam bem. Carmencita foi transferida para Braco do Norte, mas só vamos sair daqui fins de julho começo de agosto. Ela falou com o gerente para ficar o mês de julho aqui porque o marido não vai passar as férias e quem ficar juntos. Estou muito contente pois vou ficar perto dos meus filhos novamente se Deus quiser. O pessoal do hotel ficaram muito triste, pois gostam muito de nós. A sogra da Carmencita ficou tão triste porque ela disse agora o Dito não passa mais férias e nessa ele vai atrás da Carmencita. Então, cada vez mais ganados, todas as semanas ele escreve duas cartas para ela, cada uma mais apaixonada que a outra. Cleusa o problema é arranjar casa lá. Te informo de algumas pessoas de lá e pergunto. Já escrevi para a Dora para o Chelouis procurar uma casa lá, pois estou chata de parar no hotel. Carmencita quer arrumar bem a casa, porque o Dito vai passar as férias do fim do ano lá se Deus quiser. Ahá! estás me devendo uma resposta, então Te elevando só para avisar. Te que saúdos embora tenho medo de não manjar casa, pois chego até perder o sono em pensar

vire

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado.

Figura 18 - Carta de Cleusa.

Sem mais aguardando uma boa resposta
 despedi-me com beijos e abraços no Dalton e na
 minha querida Angela e para ti minha querida
 filha beijos e abraços cheios de saudades de

Tua mãe e Camencita

Aqui está fazendo muito frio, está nevando
 aqui perto em Wisconsin Laqueina, o frio
 daqui é muito líquido.

da mesma

69

Fonte: Acervo pessoal de Cleusa digitalizado

Autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de direitos

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

DEPARTAMENTO DE HISTORIA

“AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)”

Pelo presente Instrumento Particular, eu, Carmarina Aguiar Bittencourt, portador do RG. n. 843.279-1 e do CPF n. 571.824.429-49, residente e domiciliado na

Rua: José Helmen N.º 300 Apt 22
Bairro: Quilombo Curitiba

, por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao (à) pesquisador(a) Angela Martins Valerim, a utilização de imagem, de voz e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido pelo “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/ PIBID – Subprojeto História/ UNESC”, tais como: trabalhos acadêmicos, fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, Internet, Banco de dados informatizados, Multimídia, “home video”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não. O(A) pesquisador(a) salienta que a utilização dos direitos de imagem e voz somente serão utilizados para fins educativos e acadêmicos sem representar ganho financeiro para a sua parte.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

Curitiba, 22 de Julho de 2016

Carmarina Aguiar Bittencourt

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

DEPARTAMENTO DE HISTORIA

“AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE
DIREITOS (LEI N. 9.610/98)”

Pelo presente Instrumento Particular, eu, Cleide Aguiar Guallo, portador do RG. n. 1664330 e do CPF n. 542.769.349-12, residente e domiciliado na Rua Alvaro Landoso N.º 134 Estrada Florianópolis

por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao (à) pesquisador(a) Angela Martins Valerim, a utilização de imagem, de voz e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido pelo “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/ PIBID – Subprojeto História/ UNESC”, tais como: trabalhos acadêmicos, fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, Internet, Banco de dados informatizados, Multimídia, “home video”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não. O(A) pesquisador(a) salienta que a utilização dos direitos de imagem e voz somente serão utilizados para fins educativos e acadêmicos sem representar ganho financeiro para a sua parte.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

Florianópolis, 22 de Julho de 2016

+ Cleide Aguiar Guallo